

## ENCRUZILHADA DE INTERESSES: AS INTERVENÇÕES ESTRANGEIRAS NA TRANSCAUCÁSIA (1917-1921)

Rodrigo Monteiro de Carvalho<sup>1</sup>

### Resumo

A Revolução Russa de 1917 foi um marco da História do Século XX. Mas se suas repercussões foram globais, a extinção do Império Russo teve impacto direto e imediato na Transcaucásia, região antes sob domínio do Tsar e que hoje engloba as atuais repúblicas da Geórgia, Armênia e Azerbaijão. O desmantelamento das estruturas de poder da Rússia ao sul do Cáucaso, sobretudo de seu exército, abriu espaço para incursões de forças estrangeiras que passaram a disputar pela posse dos vastos recursos naturais e pelo controle desse território estrategicamente posicionado entre a Europa e a Ásia. Este artigo dedica-se a traçar um panorama histórico destas intervenções na Transcaucásia durante o conturbado período que se estende da abolição do Império Russo, em meio aos conflitos da Primeira Guerra Mundial, até a efetiva sovietação das repúblicas caucasianas, em 1921. Busca-se, ademais, à luz de fontes documentais, compreender os processos de formulação dos objetivos estratégicos e de tomada de decisão do Governo britânico com relação a sua atuação na Transcaucásia.

**Palavras-Chave:** Transcaucásia; Revolução Russa; Primeira Guerra Mundial; Ocupação Britânica.

### Abstract

The Russian Revolution of 1917 was a landmark in the history of the twentieth century. But if its repercussions were global, the extinction of the Russian Empire had a direct and immediate impact on Transcaucasia, a region formerly under the rule of the Tsar, which now encompasses the republics of Georgia, Armenia and Azerbaijan. The dismantling of Russia's power structures in the South Caucasus, especially its army, made room for incursions of foreign forces seeking to get hold of the vast natural resources and the control of a territory strategically placed between Europe and Asia. This paper presents a historical panorama of these interventions in Transcaucasia during the troubled period that extends from the abolition of the Russian Empire in the midst of the conflicts of the First World War to the actual sovietization of the Caucasian republics in 1921. Moreover, in the light of documentary sources, it seeks to understand the processes of formulation of the strategic objectives and decision making of the British Government during its operations in Transcaucasia.

**Keywords:** Transcaucasia; Russian Revolution; First World War; British Occupation.

1. Mestre em História Comparada pela UFRJ e doutorando em Estudos Contemporâneos pelo Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX (CEIS20), da Universidade de Coimbra. E-mail para contato: rodrigomonteiro-decarvalho@gmail.com.


## 1. Introdução

Em outubro de 1921, representantes da Grande Assembleia Nacional da Turquia e das Repúblicas Socialistas Soviéticas da Armênia, do Azerbaijão e da Geórgia assinaram o Tratado de Kars, que delimitava a fronteira entre a Anatólia turca e o Cáucaso soviético. A consolidação do controle de Moscou sobre o Cáucaso do Sul, assim como a oficialização de seus limites, encerrava o período de incertezas que teve início como desaparecimento do poder imperial na esteira da Revolução Russa de 1917 e em meio às batalhas da Primeira Guerra Mundial. Neste intervalo, a região foi palco de diversas incursões estrangeiras de naturezas diferentes e com propósitos distintos. Elas ocorreram em duas fases, a primeira se estendeu desde a revolução bolchevique, em novembro de 1917, até a capitulação final das Potências Centrais, em novembro de 1918. Este período foi marcado pelo vácuo deixado pela retirada das tropas russas da guerra, o que suscitou a atuação de forças alemãs, turco-otomanas e britânicas na região. A segunda etapa transcorreu desde o imediato pós-guerra até a sovietação das repúblicas sul-caucasianas, entre 1920 e 1921, o que definitivamente negou o acesso ao Cáucaso às potências estrangeiras.

O presente artigo, portanto, está dividido de modo a apresentar estas duas fases distintas. Pretende-se apresentar um panorama histórico das intervenções estrangeiras na Transcaucásia entre 1917 e 1921. Para além da narrativa fática, o texto traz passagens documentais que auxiliaram na verificação positiva de algumas hipóteses. A primeira a de que, embora aliados na guerra, a rivalidade entre turcos e alemães na Transcaucásia evitou que esta fosse conquistada com mais facilidade e em menor tempo. Ademais, constatou-se que a atuação britânica no Cáucaso durante o período final da Primeira Guerra Mundial foi marcada por fracassos, mas que a sua insistência em defender Baku também contribuiu para atrasar a ocupação total da região pelas Potências Centrais. No período pós-guerra, já como ocupantes únicos da região, os britânicos continuaram a ter dificuldades em atingir seus objetivos. As ações britânicas buscavam tanto auxiliar o exército do General Denikin em sua luta contra os bolcheviques na Rússia, quanto fortalecer as nacionalidades caucasianas, que também prometiam ser uma barreira contra o bolchevismo no Cáucaso. No entanto, os dois objetivos se contrapunham, assim como as próprias populações do Cáucaso entravam em conflito entre si, sem que os britânicos conseguissem endereçar estas questões efetivamente. Por fim, conclui-se que a atenção dos britânicos durante a primeira fase estava voltada para afastar a ameaça iminente que alemães e turcos representavam. Seria apenas a partir do fim da guerra que a consolidação do poder dos bolcheviques na Rússia passaria a ser vista como ameaça prioritária. Ainda assim, divergências estratégicas no seio do comando britânico, que se dividiu entre apoiar os movimentos nacionalistas caucasianos ou as forças anti-bolcheviques na Rússia, limitaram a capacidade da ocupação britânica na Transcaucásia em atingir os resultados dela esperados.

## 2. Primeira Fase (1917-1918)

Antes da revolução de março de 1917 as tropas russas haviam conquistado seguidas vitórias militares na Anatólia que forçaram o exército otomano responsável pela frente oriental para próximo do colapso. Contudo, a extinção do Império Russo levou à desmobilização gra-



dual de suas forças, processo que se completou com a revolução bolchevique de novembro de 1917. O desaparecimento do poder imperial desencadeou um estado de convulsão política na Transcaucásia, e o mais próximo de um governo regional passou a ser um frouxo comissariado formado por delegações dos três povos majoritários da região: armênios, azeris e georgianos.

A desmobilização do exército russo, portanto, abriu caminho para que turcos e alemães, ambos aliados no plano geral da guerra, avançassem em direção à Transcaucásia. Os turcos tinham o objetivo de reaver as perdas territoriais para os russos após a derrota na Guerra Russo-Otomana de 1877-78 e vislumbravam um grande império para leste, absorvendo os povos de origem túrquica no caminho, sendo os azeris os primeiros da lista (ÇAĞLAYAN, 1997, p. 48). Já o objetivo primordial dos alemães era o de assegurar os recursos da região, sobretudo o manganês e o cobre na Geórgia e o petróleo de Baku, maior área produtora do antigo Império Russo e que passou a ser um prêmio a ser conquistado. As ligações ferroviárias já instaladas na Transcaucásia eram outro atrativo, uma vez que facilitavam o trânsito entre a Europa e a Ásia.

Para os britânicos, os avanços de alemães e de turcos geravam temor. A primeira ameaça era de que as potências centrais pudessem se apropriar dos vastos recursos regionais, tão necessários para a continuação de seu esforço de guerra no *front* ocidental. Ademais, temia-se que, caso não fossem parados, tanto turcos como alemães poderiam penetrar na Ásia e ameaçar a Índia britânica, a mais próspera colônia do Reino Unido.

## OS TURCOS

Mesmo com a rápida desmobilização dos russos ao longo de 1917, as enfraquecidas forças turcas não fizeram muito progresso durante este ano. Em dezembro foi assinado o armistício de Erzincan, que oficialmente pôs fim ao conflito armado entre russos e otomanos. Contudo, a partir de fevereiro de 1918, em uma nova ofensiva, os turcos rapidamente conseguiram reverter as perdas dos três anos anteriores e restabeleceram as fronteiras de antes da guerra. As únicas forças que ainda impunham alguma resistência eram as formadas por irregulares armênios e, em menor grau, georgianos (SUNY, p. 191). Os termos finais do armistício de Brest-Litovsk, assinado entre a Rússia e as Potências Centrais, em março de 1918, garantiram a recuperação das três províncias perdidas pelos otomanos na guerra de 1877-78. Foi instalada então a conferência de paz de Trebizonda, que aconteceu entre março e abril de 1918. Nela, os otomanos exigiram o aceite dos termos de Brest-Litovsk pela delegação formada pelos representantes dos três povos majoritários da Transcaucásia, que se recusaram a acatar o acordo. Diante da negativa, os turcos continuaram a avançar com sucesso e restabeleceram pela força as fronteiras de 1877 (MCMEEKIN, 2010, p.331).

Em maio, outra conferência de paz foi organizada, desta vez em Batum (atual Batumi, na atual República da Geórgia). O antigo comissariado já havia dado lugar à Federação Transcaucasiana, uma pouco sólida união política entre armênios, azeris e georgianos. No entanto, em Batum, os termos propostos pelos turcos foram ainda mais duros e, sob a justificativa de que os armênios estavam aniquilando a população muçulmana no Cáucaso, mantiveram o avanço

militar mesmo durante as negociações. Apesar das forças armênias conquistarem algumas vitórias que atrasaram a campanha turca, sua capital, Yerevan, foi sitiada enquanto as conversas ainda estavam em curso. Neste momento, a frágil federação começou a se desfazer e cada nova república assinou um tratado de paz em separado. A Armênia teve que aceitar a perda de grande parte de seu território, os azeris, povo de origem túrquica, comemoravam o avanço otomano e a Geórgia selou uma aliança com a Alemanha, ainda que também tivesse que assinar um acordo desvantajoso com os turcos (SUNY, 1994, p. 192).

Os tratados de paz assinados com a Armênia e a Geórgia garantiram livre passagem às forças turcas com destino ao leste da Transcaucásia e abriram a possibilidade para se conectarem com as forças azeris. Estes passaram a ter esperanças de que, com a ajuda dos turcos, pudessem recuperar Baku, principal cidade do Azerbaijão e o maior porto do Mar Cáspio, que estava sob o controle de uma comuna bolchevique formada majoritariamente por russos e armênios. Foi formado então, a partir de junho, um exército composto por turcos e azeris, batizado de Exército do Islã e comandado por Nuri Paxá, meio-irmão de Enver Paxá, ministro de guerra otomano. Foi este exército que alcançou as cercanias de Baku ao fim de julho (ÇAĞLAYAN, 1997, p. 101-2).

## OS ALEMÃES

O ponto de partida para a incursão da Alemanha na Transcaucásia foi a assinatura, em maio de 1918, do Tratado de Poti. Neste acordo, a então independente República da Geórgia consentiu com a ocupação alemã em troca de seu reconhecimento oficial e proteção. Quando foi estabelecida esta aliança, a cooperação entre alemães e otomanos já não era sólida. Os objetivos dos dois no Cáucaso passaram a ser mutuamente excludentes, em especial no que dizia respeito ao controle de Baku (LEMON, 2010, p. 7). Sobre os objetivos da aliança teuto-georgiana, o General Erich Ludendorff, comandante-geral das forças alemãs nos anos finais da guerra, disse em suas memórias:

Tornou-se essencial para nós mostrarmos uma mão forte neste distrito - não apenas porque esperamos conseguir alguma assistência militar na região, mas também para obter matérias-primas. O fato de não podermos confiar na Turquia nesse assunto foi mais uma vez demonstrado por sua conduta em Batum, onde ela reivindicou o direito de manter todas as reservas para si. Poderíamos esperar obter petróleo de Baku apenas se buscássemos nós mesmos. (LUDENDORFF 1919, p. 302, tradução livre<sup>2</sup>).

Pelos termos do Tratado de Poti, os georgianos permitiram, *inter alia*, o uso pelos alemães de suas ferrovias e de todos os navios nos portos do país, a livre circulação de dinheiro alemão e o monopólio sobre a mineração e a exportação de matérias-primas. (SUNY, 1994, p. 192). Respalhada por este tratado, a Geórgia decidiu declarar unilateralmente sua independência da Federação Transcaucasiana dois dias antes do que azeris e armênios. A expedição alemã para a Geórgia desembarcou no país em junho de 1918, logo dando início aos atritos com os turcos.

2. “It has become essential for us to show a stronger hand in this district—not merely because we hoped to secure some military assistance from that quarter, but also in order to obtain raw materials. That we could not rely in Turkey in the matter has been once again demonstrated by her conduct in Batum, where she claimed the right to retain all the stocks for herself. We could expect to get oil from Baku only if we helped ourselves” (LUDENDORFF 1919, p. 302).

Estes, que haviam chegado antes, já ocupavam regiões que o governo georgiano considerava seu território e insistiam pela permissão para a utilização das ferrovias para a movimentação de suas tropas. Já os alemães, agindo oficialmente em nome dos georgianos, impediram que trens ocupados por tropas turcas atravessassem a Geórgia em direção a Baku, o que só foi permitido quando os turcos aceitaram desocupar os territórios contestados. Assim, o avanço otomano em direção a Baku foi atrasado por dois meses (ÇAĞLAYAN, 1997, p. 100).

Em 27 de agosto, em um acordo suplementar ao de Brest-Litovsk, os russos concordaram em reconhecer a independência da Geórgia e ceder um quarto da produção de petróleo de Baku para a Alemanha. Em troca, definiu-se que os alemães não prestariam auxílio para uma terceira força no Cáucaso para além das fronteiras da Geórgia, o que estava diretamente direcionado à campanha dos turcos para Baku (KAZEMZADEH, 1951, p. 150). Mas a essa altura a queda de Baku já era inevitável, os turcos haviam se juntado aos azeris e o autoproclamado Exército do Islã já sitiava a cidade por quase um mês.

## OS BRITÂNICOS

Após a retirada da Rússia da guerra, os principais aliados remanescentes da Entente, França e Reino Unido, decidiram repartir entre si as atribuições de defesa da porção sul do antigo Império Russo. A repartição estabeleceu duas áreas de atuação, os franceses ficaram encarregados pela Ucrânia e pela Criméia, e os britânicos pela Transcaucásia (CAB 23/4/78, 2017; GEORGE, 1936, p. 120). Embora fosse um movimento previsível, a capitulação da Rússia foi um duro golpe nos aliados. Os ingleses temiam que, com a saída dos russos da guerra, a Alemanha passasse a reforçar o *front* ocidental com as tropas transferidas do Leste, além de se apropriar dos vastos recursos da Rússia, do trigo ucraniano, do manganês georgiano e do petróleo do Azerbaijão. Segundo as memórias de Lloyd George, à época Primeiro-Ministro britânico:

Nós não estávamos preocupados com os problemas políticos internos da Rússia em si. O que nós tínhamos que considerar como um problema de guerra era a melhor forma de evitar que a Alemanha se revitalizasse com o acesso às plantações e aos campos petrolíferos que lhes seriam abertos se ela conseguisse penetrar no Don e nas ricas províncias do Cáucaso. (GEORGE, 1936, p. 110, tradução livre<sup>3</sup>)

Estas preocupações constam do memorando intitulado “*Notes on the Present Russian Situation*”, submetido por Arthur Balfour, então Secretário de Estado para os Assuntos Estrangeiros, ao Gabinete de Guerra em dezembro de 1917:

Há duas possíveis vantagens que a Alemanha pode extrair da saída da Rússia da guerra: (i) Ela pode aumentar seus contingentes em outros teatros de operações, transferindo tropas dos fronts russos, ou recuperando prisioneiros alemães. [...] (ii) Ela pode obter o poder de usar os grandes recursos potenciais da Rússia para romper o Bloqueio Aliado. (CAB 23/4/69, 1917, tradução livre<sup>4</sup>).

3. “and oilfields which would be laid open for her if she succeeded in penetrating to the Don and the rich provinces of the Caucasus” (GEORGE, 1936, p. 110).

4. “There are two possible advantages which Germany may extract from Russia’s going out of the war: (i) She may increase her man-power in other theatres of operations by moving troops from Russian front, or by getting back german prisoners. There is little hope of stopping this, and I say no more about this. (ii) She may obtain the power of using the large potential resources of Russia to break the Allied Blockade” (CAB 23/4/69, 1917).

O mesmo memorando também traz diretrizes para a atuação britânica na Transcaucásia:

No que diz respeito ao petróleo, queremos saber que meios de transporte existem no Mar Negro disponíveis para os alemães, e até que ponto os elementos anti-bolcheviques nas regiões do Cáucaso podem ser utilizados para interferir com o abastecimento em terra. (CAB 23/4/69, 1917, tradução livre<sup>5</sup>)

Neste sentido, segundo Lloyd George:

Não nos preocupamos em derrubar o governo bolchevique em Moscou. Mas estávamos preocupados em impedir, enquanto a guerra contra a Alemanha estivesse em andamento, que as administrações e movimentos não-bolcheviques fora de Moscou que estavam preparados para trabalhar conosco contra o inimigo fossem depostos. E era inevitável que, em pouco tempo, nossa cooperação com esses aliados pudesse dar às nossas atividades russas a aparência de ter como objetivo derrubar o governo bolchevique. Essa certamente não era a intenção original delas (GEORGE, 1937, p. 170, tradução livre<sup>6</sup>).

Ao final de 1917, britânicos e franceses decidiram que os povos que se mostravam contrários aos bolcheviques deveriam ser ajudados, mas não agraciados com o reconhecimento formal de independência. Tampouco seriam aconselháveis confrontos diretos com as forças bolcheviques (KOPISTO, 2011, p. 50; GOKAY, 1998, p. 23). A estratégia de armar georgianos e, sobretudo, armênios para travar a guerra contra turcos e alemães foi descrita em um memorando formulado pelo Gabinete de Guerra em dezembro de 1917 e posteriormente apresentado aos franceses. Nele havia também a preocupação em tentar evitar ao máximo provocar uma reação negativa dos bolcheviques:

[...] somos obrigados a proteger, se possível, o remanescente dos armênios, não só para salvaguardar o flanco de nossas forças mesopotâmicas na Pérsia e no Cáucaso, mas também porque um Estado armênio, unido, se possível, com um Estado georgiano, autônomo ou independente, é a única barreira contra o desenvolvimento de um movimento turaniano que se estenderá de Constantinopla à China, e fornecerá à Alemanha uma arma de perigo ainda maior para a paz do mundo do que o controle da ferrovia de Bagdá. [...] É essencial que isto seja feito o mais silenciosamente possível, a fim de evitar a imputação - tanto quanto possível - de que estamos nos preparando para guerrear contra os bolcheviques. (GEORGE, 1936, p. 119, tradução livre<sup>7</sup>)

Como parte desta estratégia, foi formada uma expedição comandada pelo Major-General Lionel Dunsterville, que tinha o objetivo inicial de alcançar Tiflis (atual Tbilisi, capital da

5. “As regard oil, we want to know what means of transport there is in the Black Sea available to the Germans, and how far the anti-Bolshevik elements in the Caucasian regions can be utilised to interfere with the supply on land” (CAB 23/4/69, 1917).

6. “We were not concerned to overthrow the Bolshevik government in Moscow. But we were concerned to keep them, so long as war with Germany was afoot, from overthrowing those non-Bolshevik administrations and movements outside of Moscow which were prepared to work with us against the enemy. And it was inevitable that before long our cooperation with these allies should give our Russian activities an appearance of being aimed at overthrowing the Bolshevik Government. That was certainly not their original intention” (GEORGE, 1937, p. 170).

7. “[...] we are bound to protect, if possible, the remnant of the Armenians, not only in order to safeguard the flank of our Mesopotamian forces in Persia and the Caucasus, but also because an Armenian, united, if possible, with a Georgian, autonomous, or independent state, is the only barrier against the development of a Turanian movement that will extend from Constantinople to China, and will provide Germany with a weapon of even greater danger to the peace of the world than the control of the Baghdad Railway. [...] It is essential that this should be done as quietly as possible as to avoid the imputation — as far as we can — that we are preparing to make war on the Bolsheviks” (GEORGE, 1936, p. 119).

atual República da Geórgia) e estabelecer uma missão para organizar a defesa do Cáucaso. Contudo, a expedição foi impedida de seguir para o Cáucaso por forças bolcheviques que ocupavam o porto persa do Mar Cáspio de Anzali, além de também controlarem Baku. Dunsterville então permaneceu no norte da Pérsia aguardando novas instruções. Com o desenrolar desfavorável da guerra no Cáucaso no início de 1918, uma preocupação adicional se fortalecia, a possibilidade do avanço continuado dos turcos e alemães para a Ásia Central e a Índia caso não fossem confrontados. Em maio, Tiflis foi ocupada pelos alemães e os turcos já avançavam em direção ao Azerbaijão. Tiflis não podia mais ser alcançada, mas ainda restava a possibilidade de defender Baku. Além de ser rica em petróleo, Baku oferecia para quem a ocupasse a oportunidade de também controlar o Mar Cáspio e, dessa forma, acessar o restante da Ásia. Em um telegrama enviado para Lord Reading, Embaixador britânico para os EUA, em abril de 1918, Balfour dizia:

Não há dúvida de que a Alemanha está tentando nos enfraquecer, reduzindo o Oriente Médio e, através dele, a Índia à mesma condição de desordem que ela reduziu a Rússia. Ela espera fazer isso com o uso de propaganda pan-eslava ou pan-turaniana, apoiada pela força militar turco-alemã. Seus agentes já estão empenhados em incitar a Pérsia, o Turquestão e o Afeganistão. Os turcos agora já capturaram Batum e se tomarem Kars, como parece provável, serão donos do Cáucaso e suas estradas para a Ásia Central e a Índia estarão abertas. A menos que este movimento seja interrompido, ele está fadado a ter efeitos de longo alcance [...] (FO 371/3327, 1918, tradução livre<sup>8</sup>)

Em julho, no entanto, o governo bolchevique de Baku fora deposto e a uma coalização composta majoritariamente por armênios nacionalistas e sociais democratas russos formaram a Ditadura Centro-Caspiana. O novo governo, favorável a presença dos britânicos, permitiu a chegada de Dunsterville para defender a cidade, que já estava sitiada pelas forças turcas e azeris. A primeira porção da expedição britânica chegou a Baku em quatro de agosto, Dunsterville e o restante das forças desembarcaram em 17 de agosto. Mas a *Dunsterforce*, como ficou conhecida a expedição, chegou muito tarde, além de sofrer com falta de homens e com as divergências internas entre os que controlavam a cidade. Baku foi tomada em 15 de setembro e os britânicos foram evacuados de volta para Anzali de imediato (DUNSTERVILLE, 1918). Contudo, embora fracassada, a *Dunsterforce* havia conseguido defender a cidade por mais de um mês, evitando assim que o petróleo de Baku fluísse para a Europa durante um período em que se travavam as batalhas que decidiriam a guerra no *front* oeste. Não obstante, duas das cidades mais importantes do Cáucaso, e que formavam as duas pontas do oleoduto transcaucasiano e de uma ferrovia paralela, haviam sido ocupadas pelas Potências Centrais. Baku, no Cáspio, pelos turcos, e Batum, no Mar Negro, pelos alemães. Após o fim da guerra, ambas seriam ocupadas pelos britânicos.

### 3. Segunda Fase (1918-1920)

#### OCUPAÇÃO BRITÂNICA

8. “There is no doubt that Germany is trying to weaken us by reducing the Middle East and through it India to the same condition of disorder as she has reduced Russia. She hopes to do this by Pan-Slavonic or Pan-Turanian propaganda, backed by Turco-German military force. Their agents are already endeavouring to stir up Persia, Turkestan and Afghanistan. The Turks have now captured Batum and if they take Kars, as seems probable, they will be masters of the Caucasus and their road towards Central Asia and India will be open. Unless this movement is checked it is bound to have far-reaching effects” (FO 371/3327, 1918).

Em 30 de outubro é assinado o armistício de Mudros, que oficializou a retirada do Império Turco-Otomano da guerra. O Armistício de Compiègne, em 11 de novembro, decretou o fim das hostilidades entre a Alemanha e os aliados e pôs fim à Primeira Guerra Mundial. Não obstante, a divisão do território do sul do antigo Império Russo em áreas de atuação francesa e britânica continuou após o fim da guerra e a Transcaucásia foi ocupada por forças do Reino Unido. O mandado britânico tinha como objetivos declarados supervisionar a evacuação das tropas alemãs e turcas; restaurar a ordem; e manter a estabilidade (ÇAĞLAYAN, 1997, p. 238).

As primeiras tropas chegaram ainda em novembro de 1918, em Baku, seguidas por uma segunda leva em dezembro de 1918, em Batum. A ocupação de Baku deveria ficar restrita à cidade e a seu entorno, o restante do Azerbaijão deveria ficar a cargo do governo azerbaijano (KAZEMZADEH, 1951, p. 164). Já as tropas que chegaram em Batum foram também posicionadas ao longo da ferrovia que liga o Mar Negro ao Mar Cáspio (KOPISTO, 2011, p. 60). O memorando enviado por Eyre Crowe, membro do corpo diplomático britânico, ao Comitê Oriental do Gabinete de Guerra, datado de sete novembro de 1918, deixou claro que ainda não havia uma política definida para os povos da Transcaucásia:

Se a Rússia se recuperar rapidamente, eles podem conceivelmente se juntar a ela em alguma relação federal; se a anarquia na Rússia durar muitos anos, a atual separação provavelmente será permanente. Nossa política para o Cáucaso deve ser enquadrada para atender às duas eventualidades. (FO 371/3301, 1918, tradução livre<sup>9</sup>)

Já o memorando do General Henry Wilson, chefe do Estado Maior britânico, datado de 13 de novembro, indicou que a abordagem para o Cáucaso iria privilegiar o auxílio aos grupos nacionais que haviam se mostrado contrários aos bolcheviques. A Transcaucásia continuaria a ser tratada como parte da Rússia, mas foram estabelecidos contatos *de facto* com os governos de cada uma das três maiores nacionalidades. Wilson, contudo, deixa transparecer a predisposição britânica de não os proteger caso os bolcheviques atingissem uma posição de superioridade:

Abandonar nossos amigos é contrário ao princípio britânico; mas desde que os coloquemos em uma posição inicial que possibilite que se defendam, teremos dado a eles uma chance justa. Se os bolcheviques forem os melhores homens, não podemos indefinidamente continuar a proteger os outros. (CAB 24/70/11, 1918, tradução livre<sup>10</sup>)

Em 16 de dezembro, o Comitê Oriental enfim define a abordagem britânica para a Transcaucásia que deveria balizar a atuação na Conferência de Paz de Paris que se avizinhava. Dentre as políticas que deveriam ser perseguidas estavam:

1. Desejamos ver Estados independentes fortes - ramificações do antigo Império Russo - no Cáucaso.

9. "If Russia recovers rapidly, they might conceivably rejoin her in some federal relation; if the anarchy in Russia lasts many years their present separation from her will probably be permanent. Our policy towards the Caucasus should be framed to meet either eventuality" (FO 371/3301, 1918).

10. "To abandon our friends is contrary to British principle; but provided that we place them in an initial position to defend themselves, we shall have given them a fair chance. If the Bolsheviks are the better men, we cannot indefinitely continue to protect the others" (CAB 24/70/11, 1918).



[...] 5. Se os Estados independentes do Cáucaso se combinarem em uma Federação, ou preferirem permanecer separados, é uma questão para sua própria determinação. 6. Da mesma forma, suas relações com o atual ou futuro governo ou governos da Rússia é uma questão que, essencialmente, diz respeito a si próprios. [...] 8. De qualquer forma, não temos a intenção de anexar nenhum desses territórios, ou convertê-los em um protetorado britânico, ou de aceitar quaisquer compromissos que envolvam a manutenção permanente de grandes forças britânicas no Cáucaso. (CAB 27/24, 43rd Meeting, 1917, tradução livre<sup>11</sup>)

Por fim, e no mesmo sentido, a resolução de 23 de dezembro do Gabinete de Guerra Imperial mostra o escopo limitado que a ocupação britânica da Transcaucásia deveria ter: “*as forças britânicas não devem ser retiradas do Cáucaso até que as forças turcas e alemãs sejam retiradas; [...] e que as forças britânicas não devem ser mantidas lá por mais tempo do que o necessário*” (FO 371/3346, 1917, tradução livre<sup>12</sup>).

Enquanto a ocupação se desenvolvia na Transcaucásia, ao norte do Cáucaso o Exército Voluntário anti-bolchevique de Denikin despontava como a principal força que poderia tomar o poder dos bolcheviques em Moscou. A primeira missão britânica à base do exército Voluntário foi enviada ainda em novembro e ele passaria a ser auxiliado através do envio de recursos (KOPISTO, 2011, p. 71). A atuação na Transcaucásia, contudo, tinha o objetivo de fortalecer os grupos nacionais, o que contrariava a visão de Denikin de que a Transcaucásia era parte indivisível da Rússia que ele tentava reconstruir. Para a Geórgia e o Azerbaijão, as forças de Denikin eram mais temidas que as dos bolcheviques (KOPISTO, 2011, p. 80).

Em 20 de fevereiro de 1919, a Embaixada da Rússia em Londres, representando os interesses dos antibolcheviques, solicitou ao *Foreign Office* o esclarecimento de quais seriam as políticas para o Cáucaso. Em resposta, foi comunicado que:

[...] no que diz respeito à atitude geral da Governo de Sua Majestade (GSM) para com o General Denikin, a sua solidariedade manifestou-se muito claramente pela sua cooperação com ele nos seus recentes movimentos militares, para cujo sucesso prestou-se uma assistência substancial. [...] No que diz respeito às Repúblicas Transcaucasianas, o GSM sustenta que o seu estatuto final é uma questão para a Conferência de Paz decidir e que, enquanto se aguarda essa decisão, não deve haver nenhuma interferência desde o lado russo. O General Denikin já foi informado de que as suas operações deveriam, na opinião da GSM, limitar-se à área a norte de uma linha que lhe foi expressamente indicada, e foi-lhe dito que o apoio e a boa vontade da GSM dependem uma estrita observância desta condição. (FO 371/3661, 1919, tradução livre<sup>13</sup>).

11. “1. We desire to see strong independent States - offshoots of the former Russian Empire - in the Caucasus [...] 5. Whether the independent States of the Caucasus combine hereafter in a Federation, or prefer to remain separate is a matter for their own determination. 6. Similarly their relations to the present or future Government or Governments of Russia is a matter that in the main concerns themselves. [...] 8. In any case we have no intention of annexing any of these territories, or converting them into a British Protectorate, or of accepting any commitments which will involve the permanent maintenance of large British forces in the Caucasus” (CAB 27/24, 43rd Meeting, 1917).

12. “[...] the British forces should not be withdrawn from the Caucasus until after the Turkish and German forces had been withdrawn; [...] and that British forces should not be maintained there longer than could be avoided” (FO 371/3346, 1917)

13. “[...] as regards the general attitude of HMG towards General Denikin, their sympathy has been very clearly manifested by their co-operation with him in his recent military movements, to the success of which they have tendered substantial assistance. [...] With regard to the Transcaucasian Republics, HMG hold that their ultimate status is a matter for the Peace Conference to decide and that, pending such decision, there should be no interference with them from the Russian side. General Denikin has already been informed that his operations should, in the opinion of HMG be confined to the area to the north of a line which has been expressly indicated to him, and

Desta forma, os britânicos passaram a tomar partido dos georgianos quando estes entraram em conflito contra Denikin e estipularam limites para o avanço do Exército Voluntário para o sul do Cáucaso (KAZEMZADEH, 1951, p. 238-241; KOPISTO, 2011, p. 81-82) As divergências sobre as abordagens para a Transcaucásia podem ser notadas na troca de correspondência entre o então Secretário de Estado para a Guerra, Winston Churchill, e o então Presidente do Conselho dos Lordes, George Curzon, já na segunda metade de 1919. A política de auxílio a Denikin e às repúblicas da Transcaucásia corriam paralelas, mas cada vez mais eram auto-excludentes. Em 27 de setembro Churchill alertou que a ofensiva de Denikin em direção a Moscou tinha deixado sua retaguarda desguarnecida e solicitou que o governo da Geórgia fosse impedido de atacar as forças do Exército Voluntário. Em resposta, a dois de outubro, Curzon disse: “*Se Denikin e seus mirmidões deixassem o Cáucaso em paz, tudo estaria bem. Mas se ele persiste em tentar conquistar Batum, Baku, etc., ele inevitavelmente se depara com pessoas as quais é nossa política apoiar*” (FO 371/3663, 1919c, tradução livre<sup>14</sup>). Este impasse só seria resolvido quando, nos últimos meses de 1919, após uma ofensiva até então bem-sucedida, o Exército Voluntário de Denikin passou a sofrer sucessivas derrotas para os bolcheviques e deixou de ser um oponente relevante. Os seus combatentes restantes seriam posteriormente evacuados para a Crimeia e de lá para Constantinopla e o Ocidente.

De volta ao início de 1919, com o andamento da ocupação, as tropas que deveriam ficar restritas à Baku, Batum e ao longo da ferrovia entre o Mar Negro e o Cáspio, acabaram por ser espalhadas pelo resto da região para conter os diversos focos de violência, seja entre armênios e georgianos ou armênios e azeris. Isto suscita outra questão não resolvida pelos britânicos, a de qual lado tomar quando uma nacionalidade entrasse em confronto com outra. Por terem sido os únicos que lutaram ao lado da Entente até o final da guerra, os armênios esperavam um tratamento especial dos britânicos (KAZEMZADEH, 1951, p. 210), mas o que se viu foi o contrário. Os britânicos não apoiaram as demandas armênicas durante o conflito com a Geórgia, indicaram um governador muçulmano para a região de Karabakh, disputada entre armênios e azeris, e enviaram para Denikin os armamentos e munições abandonados pelos turcos em Kars, e que eram reivindicados pelos armênios. A parcialidade britânica em desfavor dos armênios foi descrita no artigo “*The Caucasus: The British Withdrawal and Present Conditions*”, publicado em 1920 pelo então membro do Comitê Americano para o Socorro do Oriente Médio, Ernest Yarrow:

Das três repúblicas do Cáucaso; o Azerbaijão, ou os tártaros, estavam em conflito aberto com os Aliados, aliando-se aos turcos e combatendo abertamente os britânicos em Baku no ano passado; os georgianos nunca tinham estado em simpatia pelos aliados e provavelmente tinham um tratado secreto com os alemães; só os armênios tinham sido leais aos Aliados e fizeram o melhor que podiam para combater os turcos de um lado e os tártaros do outro. Os armênios afirmam e creio que têm argumentos legítimos para substanciar as suas alegações, receberam tratamento pior nas mãos dos britânicos do que qualquer uma das outras duas repúblicas caucasianas. (YARROW, 1920, p. 251-252, tradução livre<sup>15</sup>)

---

has been told that the support and good will of HMG are dependent on a strict observance of this condition” (FO 371/3661, 1919).

14. “If Denikin and his myrmidons would leave the Caucasus alone all would be well. But if he persists in trying for Batum, Baku, etc., he inevitably comes up against people whom it is our policy to support” (FO 371/3663, 1919c).

15. “Of the three republics in the Caucasus; the Azerbeidjan, or Tartar had been in open conflict with the Allies, allying themselves with the Turks and openly fighting the British in Baku last year; the Georgians had never been in sympathy with the Allies and probably had a secret treaty with the Germans; the Armenians alone had been loyal to the Allies and did the best they could to fight off the Turks on one side and the Tartars on the other. The Arme-

A despeito dos conflitos entre as nacionalidades, o plano britânico para a Transcaucásia seguiu inalterado. Em um comunicado datado de dois de fevereiro de 1919, George Curzon reiterava os objetivos da missão:

[...] a) controlar as três principais cidades ao longo da estrada de ferro, Batum, Tiflis e Baku. Eu acredito que estamos em todas as três; b) manter a paz entre as repúblicas rivais; c) sem realmente reconhecer qualquer uma delas, ajudá-las a manter alguma forma de governo; d) protegê-las, se realmente ameaçadas por uma invasão bolchevique através do Cáucaso {o que é altamente improvável}; e) controlar o mar Cáspio, mas f) não estender nossas operações militares para longe ou se envolver profundamente em responsabilidades administrativas ou militares; e g) contemplar a retirada assim que a estabilidade local e um governo razoável forem assegurados (FO 371/3667, 1919, tradução livre<sup>16</sup>).

Ainda que a estabilidade pretendida não tivesse sido assegurada, os planos para a retirada começaram a ser formulados em março de 1919, quando foram iniciadas conversas com a Itália para que ela assumisse o mandato da Transcaucásia em substituição aos britânicos. Se concretizado, o plano satisfaria o desejo dos italianos em receber colônias como espólio de guerra, ao passo que aliviaria o fardo britânico de manter a Transcaucásia sob sua responsabilidade. Em nove de abril, um acordo entre Itália e Reino Unido foi alcançado, mas nenhuma data para o desembarque das tropas italianas fora estabelecida (ÇAĞLAYAN, 1997, p. 274). A retirada britânica, primeiro prevista para 15 de junho, foi adiada para 15 de julho para evitar o vácuo de poder que se formaria antes da chegada dos italianos. Na metade de junho, no entanto, uma mudança de poder em Roma fez a Itália reconsiderar o acordo. O novo Primeiro-Ministro, Francesco Nitti, abortou os já avançados preparativos para a expedição vislumbrando que a presença italiana na região inevitavelmente lançaria o país em uma aventura militar contra a Rússia, cenário que, para ele, deveria ser evitado (NITTI, 1922, p. 147).

Com o acordo com a Itália frustrado e sem alternativas para repassar o controle da Transcaucásia para outro responsável, os britânicos decidiram mais uma vez adiar a retirada de suas tropas, desta vez para 15 de agosto. A evacuação teve início na data programada e foi completada em 16 de setembro, exceto pelas tropas que guardavam Batum, que deveriam permanecer defendendo o principal porto do país (FO 371/3663, 1919a). Em um memorando de 22 de setembro, Curzon apontava para as diversas incongruências que haviam definido o que tinha sido a atuação britânica até então:

[...] a) Somos pró-Denikin ao norte do Cáucaso b) Somos anti-Denikin ao sul do Cáucaso c) Somos pró-georgianos na medida em que eles são respeitáveis e ordeiros d) Somos anti-georgianos na medida em que são bolcheviques e violentos e) Somos pró-armênios, na medida em que não queremos vê-los exterminados. f) Somos anti-armênios, na medida em que não pretendemos assumir a responsabilidade de lhes fornecer armas ou de garantir um Estado armênio ou de repatriá-los para uma grande Armênia. g) Se somos pró-Azerbaijão ou anti-Azerbaijão, não tenho a menor ideia. h) Quanto ao Hill State (Daguestão), suponho que seja pouco mais que vários grupos de bandidos que são esmagados por Denikin [...] (FO 371/3663, 1919b, tradução livre<sup>17</sup>)

---

nians claim and I believe they have legitimate arguments to substantiate their claims, that they receive worse treatment at the hands of the British than either of the other two Caucasian Republics" (YARROW, 1920, p. 251-252).

16. "[...] a) to hold the three principal cities on the railway, Batum, Tiflis and Baku. I believe we are in all three; b) to keep the peace between the rival Republics; c) without actually recognising any one of them to assist them in maintaining some form of government; d) to protect them if actually menaced by a Bolshevik invasion across the Caucasus {which is the highest degree unlikely}; e) to hold the Caspian but f) not to extend our military operations far afield or get deeply involved either in administrative or military responsibilities; and g) to contemplate withdrawal as soon as local stability and decent government is assured" (FO 371/3667, 1919).

17. "a) We are pro-Denikin North of the Caucasus b) We are anti-Denikin South of the Caucasus c) We are pro-

Batum, por fim, foi definitivamente evacuada em junho de 1920 e a Transcaucásia deixada a sua própria sorte. A esta altura, armênios e georgianos ainda governavam suas próprias repúblicas independentes, enquanto o Azerbaijão já havia sido ocupado, em abril, pelo Exército Vermelho. Posteriormente, em março de 1921, um acordo formal restabeleceu as ligações comerciais entre o Império Britânico e a Rússia Soviética, evidenciando o reconhecimento britânico da vitória dos bolcheviques na Rússia (TRADE AGREEMENT, 1921).


## OS TURCOS RESSURGENTES

A assinatura do Armistício de Mudros, em outubro de 1918, foi o primeiro passo do processo de desmembramento do Império Otomano que o levaria à extinção, em 1922. Entre os termos que os turcos foram obrigados a acatar estava a entrega para os aliados de fortes e posições estratégicas fora da Anatólia e no Cáucaso; a perda do controle sobre seus estreitos; a desmobilização total de seu exército; e a aceitação de que qualquer parte de seu território remanescente poderia ser ocupada “em caso de desordem”. Este foi o caso da capital imperial, Constantinopla, ocupada por forças aliadas dias após a assinatura do armistício. No tocante específico à Transcaucásia, foi ordenado aos turcos que recuassem às suas fronteiras pré-guerra, entregassem portos e ferrovias ainda sob seu controle e desmobilizasse por completo as tropas ainda em posição. Nesse cenário, foi alçado ao protagonismo um grupo de jovens nacionalistas sob a liderança do oficial militar Mustafá Kemal. Ele fora enviado para a fronteira do Cáucaso justamente para supervisionar o desmantelamento do restante das forças turcas na região, mas, contrariando suas ordens iniciais, adotou uma postura de resistência que daria início a Guerra de Independência Turca (SOCHACZEWSKI, 2018, p. 73). Conforme a adesão ao projeto nacionalista ganhava fôlego, a balança do poder político pendia do Sultão em Constantinopla para o interior da Anatólia, principal base do Movimento Nacional Turco. Em junho de 1919, foi assinado o acordo de Amasya, entre o Governo Otomano e os líderes revolucionários. Nele, pela primeira vez, propunha-se uma união contra as potências ocupantes do território turco. Em setembro, foi organizado o Congresso de Sivas, que decidiu pela constituição de um novo parlamento em substituição ao Governo de Constantinopla. Assim, em 23 de abril de 1920, foi formada a Grande Assembleia Nacional, com sede em Ancara, tendo Mustafá Kemal como seu primeiro presidente.

Em agosto, contudo, o remanescente Governo otomano assentado em Constantinopla, em conjunto com os vencedores da Primeira Guerra Mundial, assinaria o Tratado de Sèvres, sob o qual assentia com a perda ou ocupação de vastas áreas do antigo Império. Ao Leste, o acordo formalizava a criação de um extenso Estado armênio que deveria abranger os territórios da Armênia histórica na Anatólia oriental, mesmo aqueles em que a população já se constituía majoritariamente por turcos. Como esperado, os termos do tratado não foram reconhecidos pelo

---

-Georgian in so far as she is respectable and orderly d) We are anti-Georgian in so far as she is Bolshevik and violent e) We are pro-Armenian in so far as we do not want to see them exterminated f) We are anti-Armenian in so far as we do not mean to assume the responsibility either of supplying them with arms or of guaranteeing an Armenian State or of repatriating them to a larger Armenia. g) Whether we are pro-Azerbaijan or anti-Azerbaijan I have not the least idea. h) As to the Hill State (Daghestan) I suppose it is little more than various groups of bandits who are smashed by Denikin [...]” (FO 371/3663, 1919b).



novo governo de Ancara e, já em setembro, foi ordenada uma ofensiva militar contra a ainda independente República da Armênia.

Mesmo respaldada pelos termos de Sèvres, os apelos da Armênia para que as potências ocidentais viessem em sua ajuda foram ignorados. Desta forma, as forças turcas avançaram rapidamente e, já em novembro, alcançaram as cercanias de Yerevan. Em 18 de novembro, na cidade de Alexandropol (atual Guiumri), o Governo armênio foi obrigado a assinar um armistício em que cedia para os turcos grande parte de seu território em troca da manutenção do controle sobre sua capital. No entanto, dez dias mais tarde, o que restara da República começaria a ser ocupada pelo Exército Vermelho. Assim, com o Azerbaijão já sob domínio soviético desde abril, restava apenas a Geórgia como Estado independente na Transcaucásia. Os georgianos, que também haviam perdido territórios para os turcos, conseguiram manter sua autonomia até fevereiro de 1921, quando também foram ocupados pelos soviéticos. Antes, em novembro de 1920, Josef Stalin, servindo então como Comissário do Povo para as Nacionalidades, descrevera a relevância da Transcaucásia para o Governo Bolchevique:

A importância do Cáucaso para a Revolução é determinada não apenas pelo fato de ser fonte de matérias-primas, combustível e alimentos, mas também por sua posição entre a Europa e a Ásia, especialmente entre a Rússia e a Turquia; e também pela presença das estradas mais importantes econômica e estrategicamente (Batum-Baku, Batum-Tabriz, Batum-Tabriz-Erzerum). Tudo isso é levado em conta pela Entente, que, possuindo atualmente Constantinopla, a chave do Mar Negro, gostaria de manter um caminho direto para o Oriente através da Transcaucásia. Quem deve finalmente se estabelecer firmemente no Cáucaso? Quem deve usar o petróleo, as estradas mais importantes que levam à profundidade da Ásia, a Revolução ou a Entente? (STALIN apud KAZEMZADEH, 1951, p. 294)

Após a completa sovietação da Transcaucásia, a fronteira entre a Anatólia turca e as novas repúblicas soviéticas do Cáucaso seria finalmente estabelecida pelo Tratado de Moscou, de março de 1921, assinado pelos bolcheviques russos, liderados por Vladimir Lenin, e pela Grande Assembleia Nacional Turca, liderada por Mustafá Kemal. Em outubro de 1921, o Tratado de Kars, que desta vez contou com as assinaturas dos governos das recém-formadas repúblicas socialistas da Armênia, Azerbaijão e Geórgia, ratificaria o anterior e poria fim ao período de incursões estrangeiras na região.

#### 4. Considerações Finais

A desmobilização do exército russo na frente oriental propiciou o avanço das tropas turcas e alemães para a Transcaucásia. Embora lutassem como aliados na guerra, no plano regional, turcos e alemães passaram a rivalizar por recursos e a atrapalhar reciprocamente seus planos estratégicos. Considerando a situação de caos político que se apresentava na Transcaucásia e a ausência de forças organizadas que a pudessem defender de agressores externos, a falta de coordenação de ações entre a Turquia e a Alemanha, afora os atos de rivalidade aberta, impediu que a porção sul do antigo império Russo fosse conquistado rapidamente e seus recursos postos a serviço do esforço de guerra das Potências Centrais.

Por sua parte, a atuação dos britânicos na região foi orientada pela percepção de que a ameaça iminente a ser combatida era a penetração de turcos e alemães em direção aos campos de petróleo do Cáspio e o acesso que se abriria a eles ao restante da Ásia. A preocupação com o estabelecimento do poder dos bolcheviques na Rússia foi relegada, neste primeiro momento, para um segundo plano. No entanto, as ações britânicas na Transcaucásia foram marcadas por fracassos sucessivos. O plano de equipar e treinar as forças irregulares armênicas e georgianas foi frustrado pela demora em alocar a expedição em Tiflis, que terminou ocupada pelos alemães. O objetivo restante, o de defender Baku, também não foi exitoso. De efetivo somente a resistência promovida pelas tropas de Dunsterville ao sítio imposto pelas forças turco-azeris à cidade de Baku, o que adiou em seis semanas a sua capitulação. O esforço da expedição britânica no Cáspio, somado ao desalinhamento estratégico entre turcos e alemães, atrasou sensivelmente a conquista integral da Transcaucásia e impediu que futuros avanços em direção à Ásia Central e o oriente Médio fossem concretizados.

Com o fim da guerra e do perigo promovido por turcos e alemães, os britânicos passaram a enxergar os bolcheviques russos como a principal ameaça a ser combatida. No entanto, havia pouca coordenação entre as estratégias empregadas para o auxílio ao exército de Denikin e para o fortalecimento das repúblicas da Transcaucásia. Por vezes, as duas estratégias funcionavam em oposição mútua e as divergências internas do comando britânico contribuíram para acirrar ainda mais as contradições. As disputas entre as próprias nacionalidades do Cáucaso também ajudaram em dispersar e dificultar a atuação das forças ocupantes, que não foram eficazes em lidar com os conflitos locais. Por fim, a missão na transcaucásia era tida pelos britânicos como um fardo que estavam dispostos a se livrar o mais rápido possível. E assim o fizeram, o que resultou na reocupação da Transcaucásia pelos russos e na efetiva sovietação da região.

## 5. DOCUMENTOS

CAB 23/4/69. **War Cabinet and Cabinet: Minutes.** Appendix. The National Archives, 1917.

CAB 24/70/11. **Memorandum on our Present and Future Military Policy in Rússia.** The National Archives, 1918.

CAB 27/24. **Minutes of meetings 1-49.** 43rd Meeting. The National Archives, 1917.

DUNSTERVILLE, Lionel. **The Diaries of General Lionel Dunsterville 1911-1922.** Disponível em: <http://www.gwpda.org/Dunsterville/>. Acesso em: março de 2019.

FO 371/3301. **Foreign Office: Political Departments: General Correspondence from 1906-1966.** Paper nº 186203, 09/11/1918. The National Archives, 1918.

FO 371/3327. **Foreign Office: Political Departments: General Correspondence from 1906-1966.** Paper nº 69398, 20/04/1918. The National Archives, 1918.

FO 371/3346. **Foreign Office: Political Departments: General Correspondence from 1906-1966.** Paper n° 213100, 23/12/1918. The National Archives, 1918.

FO 371/3661. **Foreign Office: Political Departments: General Correspondence from 1906-1966.** Paper n° 28165, 20/02/1919. The National Archives, 1919.

FO 371/3663. **Foreign Office: Political Departments: General Correspondence from 1906-1966.** Paper n° 126879, 10/09/1919. The National Archives, 1919a.

FO 371/3663. **Foreign Office: Political Departments: General Correspondence from 1906-1966.** Paper n° 131980, 22/09/1919. The National Archives, 1919b.

FO 371/3663. **Foreign Office: Political Departments: General Correspondence from 1906-1966.** Paper n° 136702, 03/10/1919. The National Archives, 1919c.

FO 371/3667. **Foreign Office: Political Departments: General Correspondence from 1906-1966.** Paper n° 19030, 04/02/1919. The National Archives, 1919.

GEORGE, David Lloyd. **War Memoirs of David Lloyd George (vol. V).** Boston: Little, Brown, And Company, 1936.

GEORGE, David Lloyd. **War Memoirs of David Lloyd George (vol. VI).** Boston: Little, Brown, And Company, 1937.

LUENDORFF, Erich. **Ludendorff's own story, August 1914-November 1918: the Great War from the siege of Liege to the signing of the armistice as viewed from the Grand headquarters of the German Army.** Vol. 2. Harper, 1919.

NITTI, Francesco Saverio. **Peaceless Europe.** Cassell and Company, 1922.

**TRADE AGREEMENT Between His Britannic Majesty's Government and the Government of the Russian Socialist Federal Soviet Republic.** 1921. Disponível em: <http://www.gwpda.org/1918p/sovtrade.html>. Acesso em: março de 2019.

## 6. BIBLIOGRAFIA

ÇAĞLAYAN, Kaya Tuncer. **British Policy Towards Transcaucasia: 1917-1921.** Edinburgh, 1997.

CARMAN, Harry J. **Russia and the Reversal of Allied Policy.** The Journal of International Relations, v. 10, n. 4, p. 471-494, 1920.

GOKAY, Bulent. **The battle for Baku (May-September 1918): a peculiar episode in the history of the caucasus.** Middle Eastern Studies, v. 34, n. 1, p. 30-50, 1998.

KAZEMZADEH, Firuz. **The struggle for Transcaucasia, 1917-1921.** Nova Iorque: Philosophical Library, 1951.

KOPISTO, Lauri. **The British Intervention in South Russia 1918-1920.** 2011.

LEMON, Edward J. **Dunsterforce or Dunsterfarce? Re-evaluating the British mission to Baku, 1918.** First World War Studies, v. 6, n. 2, p. 133-149, 2015.

MCMEEKIN, Sean. **Consolation prize? The race for baku.** In: The Berlin-Baghdad Express. Harvard University Press, p. 318-339, 2010.

SOCHACZEWSKI, Monique. **De Atatürk a Erdoğan: A República da Turquia em três tempos.** Malala, v. 6, n. 9, p. 70-90, 2018.

SUNY, Ronald Grigor. **The making of the Georgian nation.** Indiana University Press, 1994.

WINEGARD, Timothy C. **Dunsterforce: A Case Study of Coalition Warfare in the Middle East, 1918-1919.** Canadian Army Journal, v. 8, p. 93-109, 2005.

YARROW, E. A. **The Caucasus: The British Withdrawal and Present Conditions.** The Journal of International Relations, v. 10, n. 3, p. 251-255, 1920.